



LUIS FERNANDO VERISSIMO: piadas com o amigo que não bebia

Quatro amigos lembram o escritor Moacyr Scliar

Emoção e humor marcam os depoimentos em homenagem ao ficcionista, morto em fevereiro

• Quatro amigos se juntaram para homenagear outro amigo. O resultado, naturalmente, foi emoção e boas histórias na mesa dedicada ao autor gaúcho Moacyr Scliar, morto em fevereiro deste ano. Para falar sobre Scliar, ontem no Café Literário da Bienal do Livro, estiveram presentes Luis Fernando Verissimo, Domício Proença Filho, Luís Augusto Fischer e Luiz Schwarcz, todos sob mediação de Italo Moriconi.

O grupo tratou da qualidade literária de Scliar e também de características pessoais, como a simplicidade e o bom humor. Primeiro a falar, o escritor e professor Fischer analisou o ambiente em que a produção de Scliar começou a se destacar.

— A geração de Scliar foi formada antes da ditadura, mas foi atropelada por ela. Por um lado, havia a censura e a dificuldade de circulação de ideias. Por outro, a literatura se tornou uma arena de combate — disse Fischer.

O cronista Verissimo, por sua vez, disse que iria mais se ater ao “amigo”, menos ao “escritor”. Ele lembrou que conheceu Scliar quando este foi à casa de seu pai, Erico Verissimo, mostrar seus primeiros livros.

— Eu brincava com o Scliar dizendo que ele era a vergo-

nha da classe literária porque ele não bebia — contou.

Já o editor Schwarcz, responsável por lançar boa parte da obra de Scliar na Companhia das Letras, anunciou que a casa está preparando pelo menos dois livros de crônicas de Scliar, um possivelmente dedicado a textos sobre saúde — além de escritor, Scliar foi médico:

— O Moacyr tinha o contraste de um homem muito simples, humilde, mas que na hora de trabalhar transformava essa humildade numa prosa sobre a grandeza do ser humano.

O imortal Domício, companheiro de Scliar na Academia Brasileira de Letras, recordou que o autor de “O centauro no jardim” viajava de Porto Alegre para o Rio toda semana, para as reuniões com os acadêmicos.

— Ele era um homem em trânsito. Ele também dizia que precisávamos fazer uma campanha para abolir o fardão na Academia — afirmou.

Presente na plateia, Judith Scliar, viúva do escritor, também participou da mesa, respondendo a uma pergunta enviada pelo público, a última do Café Literário. O “povo” quis saber se Scliar enviava cartas de amor.

— Não só cartas. Também declarações verbais — disse Judith. (André Miranda) ■